

5. Conclusão

Entre a crise e a polêmica. Esta é a questão central de nosso trabalho. As transformações que ao longo das últimas décadas vêm alterando significativamente a estrutura do desfile e por conseguinte do samba-enredo poderiam ser chamadas de crise? A resposta a esta pergunta é a conclusão de nosso trabalho. Cremos que podemos afirmar que sim. O samba-enredo e a escola, passam de fato por uma crise. Uma crise de identidade, tamanhas as alterações por eles sofridas. Por que optamos pela crise? A explicação não é fácil, porém nos arriscamos a fazê-la. Para tanto, foi necessário entendermos o samba-enredo como uma das partes que compõem uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira – guardando aqui o conceito que tomamos emprestado de cultura popular enquanto um processo contínuo de contenção e enfrentamento – o desfile das escolas de samba.

Para iniciarmos nossa defesa de que há de fato uma crise, buscaremos uma comparação entre os dois momentos mais significativos no que tange às transformações por que passou o gênero samba ao longo do século XX e início do século XXI. Uma primeira leitura superficial dos dois momentos poderia nos levar ao equívoco de concluirmos que o que ocorre atualmente é mais um processo de evolução e de transformação natural a qualquer coisa. Afinal, os defensores do tradicional samba da cidade nova, tocado nas casas das afamadas tias baianas, atacavam, como já vimos, contundentemente, o novo estilo produzido no bairro do Estácio, acusando-o de não ser samba, mas sim marcha, devido a sua cadência acelerada. Quis a História que o argumento dos que defendem que o samba-enredo se descaracterizou de tamanha forma, que não pode mais ser chamado de samba, mas sim, de marcha. Ora, se defendemos que o “novo samba” produzido no bairro do Estácio na virada da década de 1920 para a década de 1930 é de fato samba, por que acusamos o acelerado samba de hoje de marcha? Não seria então a aceleração um movimento natural do gênero a fim de atender as novas demandas? Poderíamos dizer que sim. Porém, faz-se necessário lembrar que a demanda responsável pela aceleração do samba nos históricos anos 1920, é fruto das necessidades

das camadas populares surgidas a partir da criação, por elas mesmas, de uma forma organizada de se brincar o carnaval: o bloco. A própria migração do bloco para a escola é, como já dissemos, um claro discurso de afirmação de que são estas classes que sabem fazer o carnaval. É o próprio Ismael Silva quem vai afirmar que o ritmo do samba das casas das tias não dava para brincar o carnaval nos blocos e escolas que surgiam. Foi então que o tan tantan foi substituído pelo bum bum paticumbum prugurundum.

Diferente são as atuais transformações. Elas não são, sob nenhuma hipótese, resultado das necessidades destas classes. As transformações impostas ao samba-enredo podem até operar na mesma chave das de outrora, mas não foram instituídas pela necessidade destas camadas populares. Muito pelo contrário, elas respondem cada vez mais às necessidades oriundas de um universo de fora do samba. Elas respondem ao mercado, uma vez que o desfile se transformou num grande negócio de exportação. Ao inverso das primeiras transformações, estas não incluem, elas excluem do carnaval e das escolas os tradicionais sambistas oriundos das comunidades populares que outrora faziam parte da escola, e que hoje estão, inclusive, de fora da quadra, uma vez que os ensaios são cada vez mais caros:

As vezes a gente vê muita gente boa do lado de fora da quadra, gente da antiga, tomando cerveja comendo churrasquinho e ouvindo o samba que toca lá dentro. Lá dentro tudo é muito caro. Se você quiser ir na feijoada, pode preparar a carteira. Você vai gastar um troco. Se for com a patroa é pior ainda.⁸⁷

É claro que sabemos que a participação destas comunidades vai muito além dos ensaios que, teoricamente, é umas das formas de captação dos recursos necessários a construção do desfile.

Além disso, a aceleração do samba acaba por descaracterizá-lo na sua forma e no seu conteúdo. Ora, se entendemos o samba-enredo como parte integrante de um conjunto significativo de produções culturais populares, e estas interferências o transformaram em algo de fora deste universo, então ele não é mais samba-enredo, até porque nem contar o enredo direito as atuais composições contam. O que é mais grave é que não sabemos onde esta aceleração irá parar, afinal, a cada ano eles estão mais rápidos. Fico com o vaticínio proferido por mestre Odilon: também quero estar vivo em 2020 para saber se a bateria vai conseguir acompanhar o desenfreado e alucinante ritmo

⁸⁷ Diomário da Silva (Seu Marinho). Entrevista concedida ao autor.

do samba. Obviamente, apenas esta aceleração não é suficiente para afirmarmos que a escola se afastou definitivamente de suas origens populares, mas é suficiente para afirmarmos que o samba se transformou em marcha. Mas os defensores da chamada evolução dirão: a transformação das escolas em grandes empresas do show business transformou o desfile num espetáculo grandioso e acabou por salvar o samba. Tudo bem, em parte é verdade. O espetáculo grandioso em que se transformou o carnaval alavancou o samba, o sambista e a escola. Deu projeção internacional a artistas, que se não fosse isso continuariam no anonimato e em dificuldades econômicas. Mas apesar disto, faz-se necessário algumas perguntas: é possível afirmar que o samba-enredo e os desfiles teriam desaparecido se não tivessem ocorrido tamanhas interferências? Cremos que não, mas isso é suposição. Sabemos que a entrada de artistas com formação acadêmica, como é o caso dos carnavalescos, que são inegavelmente grandes estudiosos e profundos conhecedores do carnaval e do samba, produziu inovações fantásticas e transformou o desfile num espetáculo grandioso. Mas será que isto também não teria afastado artistas da comunidade? Cremos que sim. Sabemos também que diversos são os elementos “de fora” da escola, mas que tem importância histórica para as mesmas. Não seria Chico Buarque um personagem de suma importância para a Mangureira? Não seria Paulinho da Viola importante para a Portela? Ambos teoricamente não são originários dos estratos sociais que fundaram as respectivas escolas, mas de forma alguma é possível negar a importância de ambos para suas escolas de coração. Talvez a criação de comissões de carnavais seja uma saída interessante, associando elementos da escola aos carnavalescos profissionais. O que não podemos aceitar com passividade é que estas transformações, que de certa forma trouxeram algum benefício, afastem demasiadamente os sambistas: “Um dia tu fostes à Lapa ver a malandragem/ Perdeste o tempo e a viagem/ Como teu samba diz, eu fui a Portela ver os meus sambistas e, consultando a minha lista, também não fui feliz”⁸⁸.

Devemos também ressaltar que não estamos aqui defendendo uma transposição pura e simples dos sambas e dos carnavais de outrora para hoje. Sabemos que isto é impossível. Até porque as camadas populares não são mais as mesmas e nem seus interesses são os mesmos. A sociedade não é mais a mesma. O mundo mudou. O que estamos defendendo é uma releitura das tradições do samba feita de dentro para fora, sem rejeitar o que é externo. O que

⁸⁸ Monarco: *Perdi a viagem*. CCSP, 1989

deve mudar, deve ter, de alguma forma, a participação das camadas populares envolvidas no universo do samba e não apenas pela importação de padrões estéticos e necessidades mercadológicas distantes deste mundo. Que as transformações venham, mas que sejam conduzidas com o cuidado necessário para que não se transformem em elemento de exclusão de quem sempre viveu no samba, do samba e para o samba. Como diria Paulinho da Viola :

Tá legal eu aceito o argumento,
mas não altere o samba tanto assim.
Olha que a rapaziada está sentindo a falta,
de um cavaco de um pandeiro ou de um tamborim.
Sem preconceito ou mania de passado.
Sem querer ficar do lado de quem não quer navegar.
Faça como um velho marinheiro,
que durante o nevoeiro leva o barco devagar.⁸⁹

Para finalizar gostaríamos de afirmar que a nossa defesa de que o samba-enredo e a escola atravessam um período de crise e que há alguns anos vêm se afastando das suas origens sociais, não é um discurso solitário ou que tenha surgido agora. Como também não nega os benefícios destas mudanças. Este é um fenômeno que já vem ocorrendo há décadas e que ao longo deste mesmo tempo diversas vozes se levantaram e alertaram para os perigos que este fenômeno, caracterizado pela entrada de elementos estranhos ao samba, representava. Talvez um dos palcos onde mais intensamente se travou esta disputa simbólica, entre os defensores de que tais transformações são frutos naturais do tempo e necessárias para a sobrevivência do samba, e aqueles que entendem que mudanças são necessárias sim, mas defendem que estas ocorram de dentro para fora, tenha sido a Portela. Nesta escola de Madureira, ou Oswaldo Cruz, levantou-se as mais potentes vozes do samba contrárias a este movimento que acabou provocando o afastamento destes sambistas da escola. Candeia, Monarco e Paulinho, só para ficarmos entre os mais notáveis e conhecidos, vêm desde a década de 1970 alertando para este problema. Foram eles e mais outros que em 1975 redigiram a “Carta à Portela”, onde fazem uma brilhante análise do que ocorria então. E vão além indicando inclusive caminhos a serem seguidos para que se evitasse uma descaracterização radical do samba, da escola e do desfile. Foram eles também que em 1978 deram uma longa entrevista ao jornal Correio Braziliense onde retomaram esta discussão acrescida é claro de novos acontecimentos⁹⁰. Estes documentos são uma prova

⁸⁹ Paulinho da Viola: *Argumento*. Continental, 1975.

⁹⁰ Tais documentos encontram-se em anexo.

irrefutável de que algo alheio à vontade do universo do samba produzia mudanças que afastavam progressivamente este modelo de carnaval de seu aspecto popular. Ao valorizarem prioritariamente os artistas e compositores de dentro da escola, procuravam mostrar que era necessário preservar algo da tradição do carnaval das escolas. Assim como nós, não são avessos às mudanças, mas sim avessos a excessiva intromissão de elementos distantes do samba. Nossa preocupação é que todas estas polêmicas transformações a que chamamos de crise possam definitivamente transformar de vez, irrevogavelmente, o carnaval das escolas de samba e o samba-enredo em coisas completamente distantes do universo original do samba. Não é o nosso objetivo fazer vaticínios ou estabelecer medidas mágicas que reconduzam o samba-enredo, as escolas e os desfiles de volta às suas origens populares. Não queremos que os desfiles sejam como nas décadas de 1940, 1950 ou 1960. Apenas tentamos apontar para um fato: nosso samba-enredo, nossas escolas de samba e seu carnaval estão perdendo alguns dos seus significados. Se isto é importante ou não, se a dimensão é muito grande ou não, é uma questão de ponto de vista. Cabe optar entre a crise e a polêmica.